

## CRIAÇOM

Maria Alonso Seisdedos. Diz habitar na terceira margem do Minho. É tradutora de audiovisual e literatura. Nesta ocasiom, traz para o Novas uma formosa história de detalhes com o título 'Aparecem-me cadáveres'.

## REINTEGRACIONISMO ARMADO

Este mês, a secçom "Em Tempos" está dedicada às açõs armadas de grupos independentistas galegos ao longo da história, e à constante do relacionamento com Portugal, quer do ponto de vista logístico, quer estratégico, humano, chegando mesmo ao reintegracionismo lingüístico, como aponta o título de umha reportagem que já desde as primeiras linhas lembra que o reencontro com Portugal fai parte do DNA do nacionalismo galego.

## GALEGOS EM GIJOM

Xurxo Chirro lembra-nos em "Campa Audiovisual" que há umha máxima que diz que é mui complicado ser reconhecido na terra de um próprio. Segundo relata, no mundo do cinema isto agrava-se, já que o mundo da distribuiçom e exhibiçom comercial está sumamente colapsado por práticas abusivas. Porém, há excepçõs, como o Festival de Gijom, com grande presença galega.

## QUE FOI DE...?

# O nacionalismo de contenção: história de um dique

Joám José Garcia R.

"As autonomias são o ópio das nações sem Estado"  
Xosé Manuel Beiras, 1989

"No mercado atual achamos uma ampla gama de produtos carentes do seu componente nocivo: café sem cafeína, nata sem gordura, cerveja sem álcool..."

Slavoj Žižek

No famoso artigo do 2003, "A estratégia da dinamita", Beiras afirmava que "o BNG foi mesmamente um dique de contenção da enxurrada de indignação popular", "ou seja: objectivamente, o BNG leva feito o contrário do que constantemente é acusado de fazer". Mas é injusto carregar toda responsabilidade da construção desse dique no Bloco, polo que vamos refrescar a memória.

Em 1974, o PSOE teria o Congresso de Suresnes, acontecimento fulcral na Transição. Na "Resolução sobre Nacionalidades e Regiões", o PSOE manifestava que "A definitiva solução do problema das nacionalidades que integram o Estado espanhol parte indefectivelmente do pleno reconhecimento do direito de autode-

terminação das mesmas que comporta a faculdade de que cada nacionalidade poda determinar livremente as relações que vai manter com o resto dos povos que integram o Estado espanhol". Ideia que renova no Congresso de 1976, em cuja secção 2.2. di que "A Constituição garantirá o direito de autodeterminação". Também o PCE de Carrillo dirá no seu Manifesto-Programa de 1975 que "os povos a decidirem livremente os seus destinos, a democracia política e social reconhecerá o carácter multinacional do Estado espanhol e o direito de autodeterminação para Catalunha, Euscadi e Galiza, garantindo o exercício efectivo desse direito polos povos".

Nem o PP fugiu da construção desse dique na Galiza, e mesmo se pode dizer que assumiu o papel mais importante. A mensagem polo 25 de Julho de Fernández Albor semelha hoje que poderia ser lido na Quintá: "Hoje, Dia Nacional da Galiza, é uma grande oportunidade para que todos os galegos renovemos o compromisso que ao longo da história adquirimos com a nossa terra, um com-



promisso com o que é e significa a própria essência, e que nos justifica a todos como povo". Concluindo que "é a hora de todos, por riba das legítimas opções políticas que representamos, é a hora de colaborar e trabalhar juntos pola dignidade, a justiça e o progresso da nossa pátria". Na missa oficial de Bonaval, o oficiante Manoel

Espiña advogaria pola "libertação integral do nosso povo", num acto que qualificava de "político, religioso, patriótico e cultural". No Dia das Letras do ano seguinte, Albor dirá que "a minha cobiça e mais a cobiça do Governo galego é que esta data seja definitivamente considerada por todos como uma verdadeira jornada de afirmação de

dignidade nacional da Galiza".

Com a chegada de Fraga, a obra entrou em fase final. O de Vilalva desarmou definitivamente o nacionalismo galego de centro, espaço que passa a ser ocupado polo PP. Não se poupou em gastos; que há que dizer que a Galiza "antigo Reino, país bem definido, tem uma personalidade própria em todos os aspectos"? Pois se di! Na sua época chega a definir-se como "nacionalista moderado" e as Novas Geraçõs falam da Galiza como "nação".

Afinal chegou o 13 de março de 1990, rematou o Entruido, e todo ficou esclarecido. O PSG-EG apresenta no Parlamento uma proposta para reconhecer o direito à autodeterminação da Galiza e, junto com os votos em contra de PSOE e PP, somou-se a abstenção da CG e BNG, dando-lhe de mão-beijada a Fraga a oportunidade de ceivar aquela frase de que: "na Galiza só defendem o direito de autodeterminação Camilo e o seu cunhado". No 21 de dezembro de 1991, Centristas da Galiza entram no PP, e Fraga declara que com a operação "o nacionalismo bem entendido dá um grande passo". No 24 de abril, Cuíña cantou claro: esse nacionalismo só se detém "na fronteira da autodeterminação". Cerveja sem álcool.

Agora que o dique está rematado chegou Feijoo para inaugurá-lo. Agora o PP mais o resto já podem andar polo País sem falta de botas de goma nem lama nos sapatos.





## EM TEMPOS

### SOLIDARIEDADE PORTUGUESA COM A LIBERTAÇÃO NACIONAL GALEGA

# Reintegracionismo armado

Carlos C. Varela

“E não era raro que de volta de Portugal um [...] ficasse mais galego que antes e com ânimos para desentolher as possibilidades de uma Galiza livre”

Castelao, Sempre em Galiza.

O reencontro com Portugal faz parte do DNA do ideário nacionalista desde o seu nascimento: “Crendo na accidentalidade das formas de governo, intrínsecas acrarar que non apelamos por ningunha, mais simpatizaremos, dende logo, con aquela que se amostre mais doada pra chegare á federación con Portugal”, dizia aquela fundacional Assembleia de Lugo de 1918. Mas também como retaguarda e referência solidária: após o fracasso da Revolução Galega de 1846, Antolím Faraldo exiliará-se a Portugal junto outros companheiros, aonde chega a bordo do navio Nervión no 26 de abril.

#### “Apoio dos irmãos de raça”

O medo espanhol a uma colaboração luso-galega é constante durante a República, e verá-se agravada polos acontecimentos do 4 de agosto de 1931. Num jantar em Madrid com os parlamentários galegos<sup>1</sup> Outeiro Pedraio dirá que “se as Cortes negam à Galiza a sua autonomia, esta conseguirá-o, pois não lhe há-de faltar o apoio dos irmãos de raça”, sendo ovacionado. Sem consequências práticas, as declarações correram como um regueiro de pólvora. Isso só um mês depois da proclamação da República Galega durante umas horas. Nela foi presidente Antão Alonso Rios, que no 36 se salvará da barbárie ao fazer-se passar por um mendigo português: o senhor Afrânio, podendo fugir até Lisboa.

Em outubro de 1933, Fuco Gomes acha-se na Galiza preparando uma insurreição independentista para o 17 de Natal<sup>2</sup>, cabode-ano da execução de Pardo de Cela. O Comité Revolucionário Arredista Galego publica o manifesto “A independência absoluta, única salvação da Galiza”, dando o Governador Civil ordem de perseguir e deter os responsáveis. Fuco Gomes exilará-se em Portugal “amorosa i-hospitalaria terra”.

Com a sublevação fascista Portugal, também sob a ditadura, volta ser refúgio de galegos e

Com o 25 de Abril o movimento galego encontra um importante espaço de colaboração na esquerda portuguesa

cenário de colaboração guerrilheira entre antifascistas de um e outro lado do Minho.

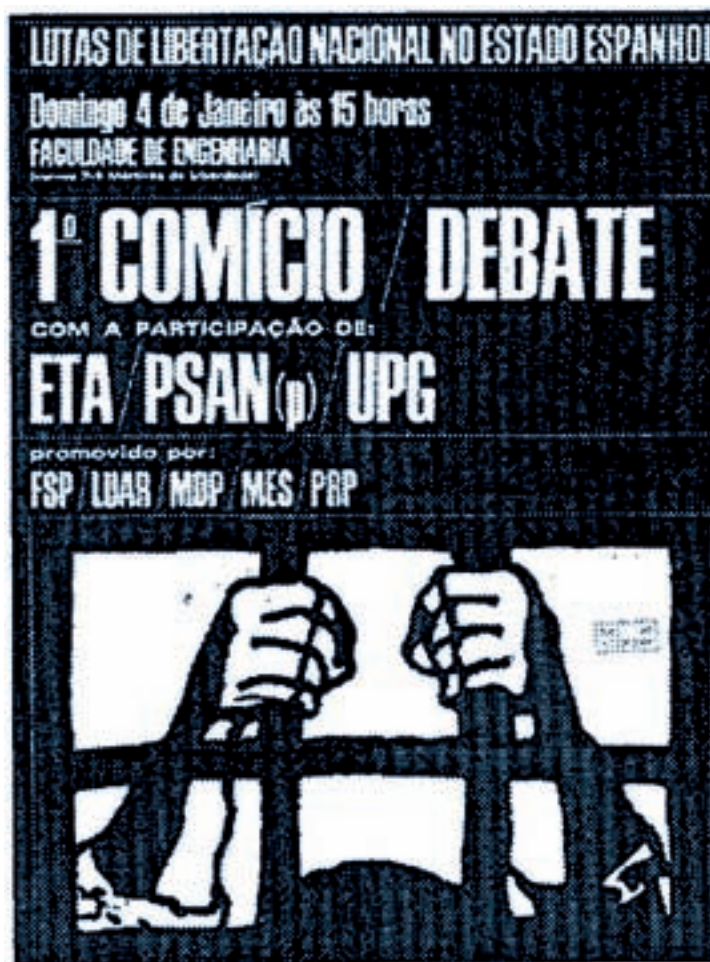
#### “Operação Compostela”

Anos depois, na madrugada do 22 de janeiro de 1961, em águas internacionais do Caribe, começará a ação mais badalada da cooperação luso-galega, o sequestro do Santa Maria polo Directório Revolucionário Ibérico de Libertação (DRIL), sob o mando de umha figura excepcional do arredo galego, Pepe Velo. A intenção era desembarcar na ilha de Fernando Poo, atacar uma guarnição espanhola e partir rumo a Angola para criar uma base guerrilheira. Com a VI Frota estado-unidense a persegui-los, são obrigados a desembarcar em Recife sendo recebidos como heróis. Alguns deles farão parte depois da UPG.

#### Revolução dos Cravos

Com o trunfo da Revolução dos Cravos o movimento galego encontra um importante espaço de colaboração, especialmente de parte da LUAR, o PRP, ou o Movimento das Forças Armadas. Segundo um ex-dirigente da UPG “está claro que o 25 de abril acelerou o processo de pôr em marcha a Frente Militar da UPG.”<sup>3</sup>, recordando que da ETA viam “com bons olhos a possibilidade de montar umha retaguarda em Portugal”; para o que os galegos seriam o enlace perfeito. LUAR e o PRP, abastecerão o primeiro comando galego.

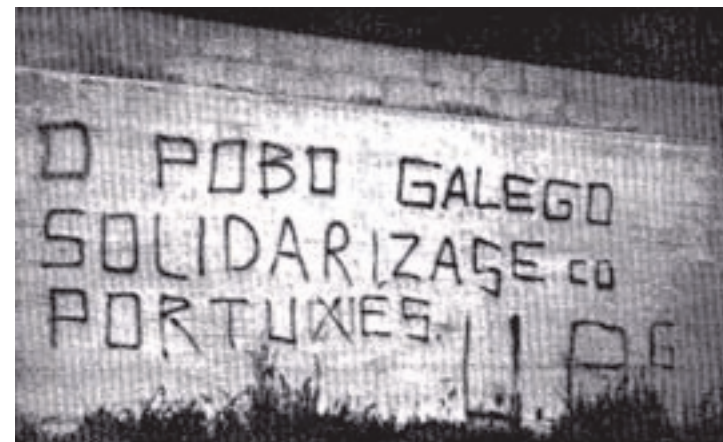
A UPG enviará Margarita Ledo ao Porto para estabelecer lá o quartel geral de propaganda. Já antes tiveram contacto: “Através do PRP português –explica Ledo– prováramos um artefacto de relojoaria para espalhar a propaganda. Era



Cartaz de ato conjunto no Porto de ETA, PSAN e UPG

um pacotinho com umha pequena carga de dinamita que fazia saltar os panfletos polo ar a umha hora determinada. Figemo-lo no Dia da Pátria do 74, à saída da missa de Rosalia em Compostela, e foi considerado um ato de guerra”. Dous meses depois, quando no 20 de novembro de 1975 o franquismo fuzila militantes da ETA e do FRAP, entre eles o viguês Humberto Baena, Lisboa será a referência europeia das dúzias de manifestações de repúdio, assaltando a embaixada espanhola.

No Porto estavam também pola UPG Xan Casabella, García Crego e Elvira Souto, entre outras pessoas. Quando em agosto de 1975 a delação do “Lobo” propiciou a queda do comando da Frente Armada e a morte de Reboiras, muitos militantes da UPG –a maioria da direcção– refugiam-se de novo em território luso, com a ajuda das organizações citadas. Em janeiro de 1976, a Faculdade de Engenharia do Porto acolherá um comício público con-



envolvidos nos sequestros de Oriol e Villaescusa, segundo a qual os sequestrados estariam numha quinta do Alentejo sob vigilância de comandos da LUAR e do PRP.

#### Nova poesia galego-portuguesa

Na seguinte etapa, a do LAR, também haverá colaborações com as Forças Populares 25 de Abril. Quando em setembro de 1980 são detidas dezasseis pessoas vários dirigentes do Partido Galego do Proletariado<sup>5</sup> protagonizam a já tradicional fuga a Portugal.

Mas será no Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive quando mais importante seja a retaguarda portuguesa. Em outubro de 1985, Antom Árias Curto passará à clandestinidade, estabelecendo-se em algum lugar do norte de Portugal, desde onde começa a tecer as redes e bases operativas do EGPGC. Em julho de 1988, difunde-se a *Nova Poesia Galega, a 1ª Declaração do EGPGC* impressa em Coimbra. Haverá a presença de militantes portuguesas nas fileiras do EG, caso de Alexandra Queiroz, queda nas últimas detenções em 1991, ou o de Suzana Lopes Poças; vizinha do Porto, que foi detida em Ponte Caldelas, torturada e enviada à prisão. O seu caso é dos mais duros, ao padecer de ataques epiléticos mui graves sendo-lhe negada a atenção médica por parte dos carcereiros. Cabe destacar-se que o EGPGC utilizava a ortografia reintegracionista ou lusista<sup>6</sup>, como já fazia desde 1983 Galiza Ceive (OLN), e posteriormente a APU, que mesmo privilegiava as relações internacionais com a lusofonia.

<sup>1</sup> No qual, segundo *El Pueblo Gallego* (05/08/1931) “todos se expresaron en nuestra lengua gallega, que representa la cultura de 50 millones de hombres de Galicia, Portugal y Brasil”.

<sup>2</sup> A Fouce, n.º 8, fevereiro de 1934.

<sup>3</sup> “25 de Abril”, suplemento especial de *La Voz de Galicia*, 25/04/1994.

<sup>4</sup> Sendo detidas as três estudantes Maria Aurora Prata Casais, Maria do Carmo Santiso Branco e Carlos Sánchez Pardo.

<sup>5</sup> Partido em cuja tese ideológica se afirma que se deverá estreitar a “unidade básica com a cultura portuguesa e a liquidar a influência da espanhola”. *Partido Galego do Proletariado, Programa*. Galiza, 1978, p. 21

<sup>6</sup> Algo que muito chamaria a atenção dos meios empresariais. Só por dar um exemplo, um especial sobre o EGPGC do *Faro de Vigo* (20/03/1988) sublinharia que o EGPGC “utiliza la normativa lusista para sus reivindicaciones, y dinamita traída de Portugal”.





## MAU SERÁ

GZI-FOTO / Ghato

A imagem está tomada a bordo, num aprazível dia de primavera. Encontro do antigo e do futuro sobre o lençol do eterno, a mar. A mole do fundo? Os depósitos de gás da Reganosa, em Meá, Mugardos. A que dim que é umha das vilas mais formosas do norte da Galiza para arribar por mar.

O velho, ao governo da sua pequena embarcação, semelha o intruso nesta composição, não é? A abafante presença da bomba de relojoaria ao seu lombo, marca um futuro no qual vamos ser despojados de tudo, ecossistema, aldeia, casa, trabalho, cultura, em benefício dalgum favorecido polo partido de turno (e vou escusar estender-me a esse respeito...).

Não podó evitar lembrar-me do slogan plagiado, "vivamos como gallegos", do grupo Tojeiro, o principal impulsor desta instalação criminal, que tem tant@s fãs no facebook. Muitos, muitíssimos mais dos subscritos aos feeds da Plataforma em Defesa da Ria de Ferrol, ou aos de Reganosa Demolição. Infelizmente, a imagem fala do futuro. Que não estoure. "Malo será!".

## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No Novas da Galiza pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

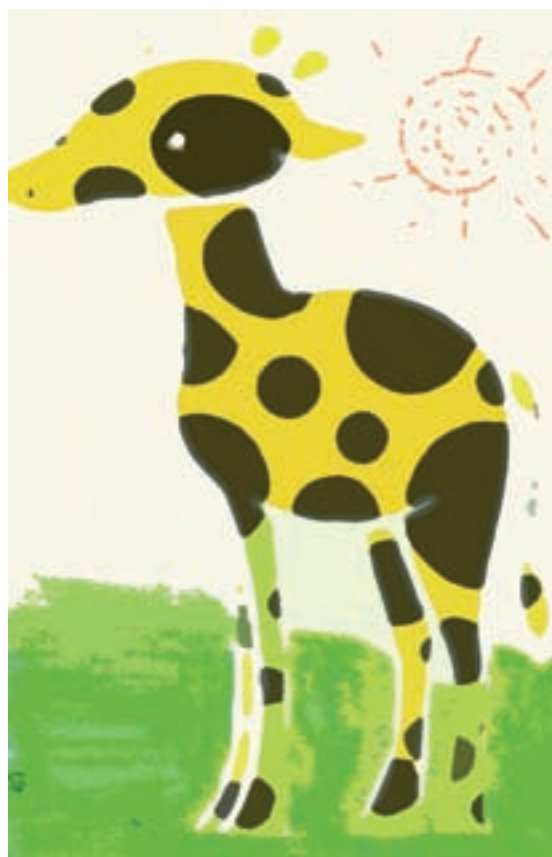
N a secção de "Criaçom" deste mês, acompanha-nos **Maria Alonso Seisdedos**. Diz habitar na terceira margem do Minho. É tradutora de audiovisual e literatura. Nesta ocasião, traz para o Novas uma formosa história de detalhes. Se perguntarmos qualquer coisa sobre ela, pode responder-nos nestes termos: "Quem eu sou: Corpo feito de palavras ou memória para um futuro escasso. Traduzo, corrijo em horas laborais, e nas vagas vomito o pudor e o pânico pelos dedos para não esquecer que vivi tantos dias a mais".

# Aparecem-me cadáveres

por **Maria Alonso Seisdedos**

Aparecem-me cadáveres pela noite e o dia adentro e fora. Ai digo-vos eu! Ora. O primeiro, um morcego, cheio de si e de ar, grande como vampiro satisfeito, barriga ao sol, teso. Fui enxergá-lo entre as ervas alabaradas e senti o açoite dum arrepio pela espinha acima e abaixo, a língua pastosa contra o inferno da boca, o desmaio e um tocotão-tocotão de cascos a galopar, a galopar não como cavalos no mar mas na cela do peito, estoirando contra as pedras nuas do monte e espalhando-se, calculei, em ondas que iriam provocar aflições telúricas no abrolhar dos mananciais, como quem diz, da Patagónia. Encontrei hirta a carniça em flor, asas estendidas dum cinzento trovoadada, substância pedrês, pêlos entre ouriço-cacheiro e rata mirrada, a coroar-me de horror, sem um grito, ai, ai. Ele morreu de morte morrida?, matutei a tropicar nos passos que me alumiam os receios. Peguei numa luva, pincei nele pela orelha e bimba!, arremessei para longe do enjoo e por cima do valado o brinquedo.

Foi o segundo girafa, por sinal, monstruosa: pescoço curto a caminho truncado da inexistência, olho único como botão pendurado por um fio de ânsias que me contemplava o espanto admirando-se. E era noite. Era na porta da casa quase minha. Era que o ia pisando, não fosse a lua de parto num romper de luzes reflectidas naquele fito a fito que trocámos a finada e eu, noite na porta da casa. Diga-se, recuei passo e meio na expectativa de um ondular de vida que palpitasse no ventre dela ainda. Népias. Estava morta desde o princípio dos tempos. E repeti o ritual da luva, só que desta foi a pinçar na



cauda, foi a atirar para o saco do lixo, que amarrei, e saí ao caminho, duzentos e cinquenta e dois metros pesados sobre a consciência até à lixeira mais próxima com o defunto de pelúcia.

O terceiro foi sapato, em rigor, ténis solteiro, no meio do quintal ao meio-dia. Limpo e usado à vista, não mal-cheiroso (comprovei), construí-lhe um passado de lavagem e secagem num alto pouco alto com o seu par. E que estaria a fazer o outro agora?, remói num remorso que nem devia ser meu. Teria saudades do companheiro ou teria asas a nascer-lhe para um imaginário caminhar, e desimpedido, livre da imposta geminação dos pés? Nunca soube. Soube só o que iria (des)fazer. E adentrei pela noite, o corpo do delito enforcado pelo atacador ao guidão da mota, um rumorejo de motor que encobre sapatada contra cancela de quintal alheio, eu sem saber se era ali origem dele ou se seria fado. Nem nunca soube, ainda.

Uma moeda, o último, apenas como símbolo, sem brilho, só redondez e terrosa, dum outro cadáver, este o da memória tresmalhada. Não conseguia decifrar-lhe o valor em pesetas ou quem sabe se pesos, se reais, se cêntimos-patações de longínquas antiguidades. Nada me revelavam cor nem tamanho. Era o lapso poça turba em que afundavam as pesquisas. Sobrou, como lembrança que espreira, terrível, no futuro, sobre a bancada da cozinha, e assinala mais um passo na involução da mente que muda devagar em carnagem, a minha.



## LÍNGUA NACIONAL

# Chama-lhe X

Valentim R. Fagim

As línguas têm o irritante hábito de as suas denominações ligarem para uma comunidade nacional: russo < Rússia, catalán < Catalunha ou polaco < Polónia. As exceções são poucas e muitas entram na categoria das línguas artificiais com aspirações de serem transnacionais, caso do esperanto ou o volapük.

Acontece que na maioria das vezes as línguas não são património de uma única nação. Casos conhecidos são o do inglês, oficial em 53 países, o árabe em 29 países ou o francês, em 23 países. Isto poderia vir a criar a complicação de como as denominar: inglês, norte-americano, australiano, neozelandês...? No entanto, as dúvidas ao respeito são poucas e países imensos

como os EUA ou o Brasil denominam a língua nacional como inglês e português.

Os conflitos parecem surgir em contextos onde não está claro as línguas serem compartilhadas. Quer dizer, perante a pergunta: e

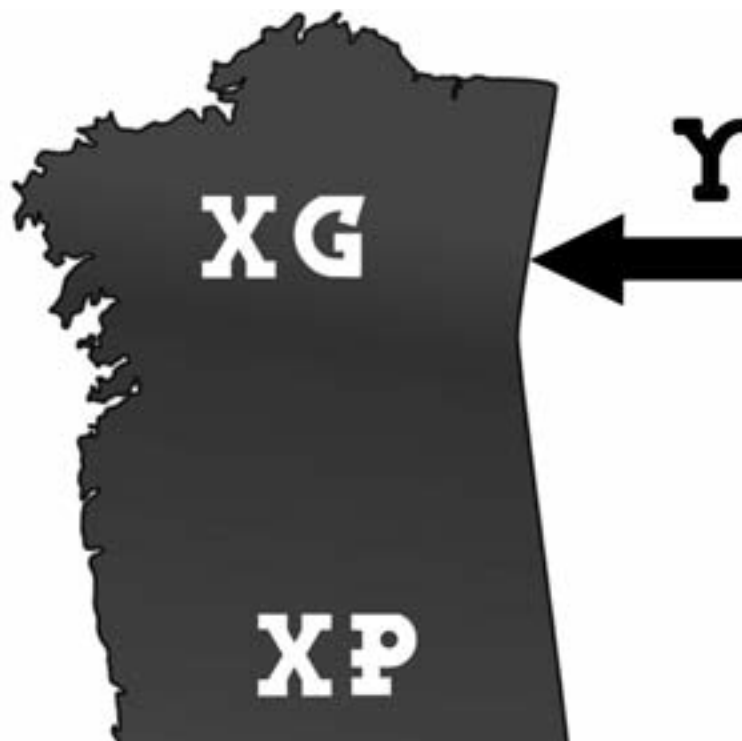
Na maioria das vezes, as línguas não são património de uma única nação. Casos conhecidos são o do inglês, o árabe ou o francês. Isto poderia vir a criar a complicação de como as denominar: inglês, australiano...?

quem fala a língua que eu falo? As respostas não são homogêneas. Ocorre-me já agora os casos do catalão-valenciano, sérvio-croata-bósnio-montenegrino ou o... português-galego.

Neste ponto é onde se vê com nitidez o poder simbólico das palavras. Outra sorte teríamos se utilizássemos outro sistema denominativo:

X nasceu na idade média num espaço que incluía territórios a norte e sul do rio Minho. A norte, a variante XG ficou reduzida a funções periféricas pela irrupção de Y enquanto XP, pelo contrário, tornou-se língua nacional e deu lugar a outras variantes: XB, XA, XM... Hoje X é oficial em 9 países e tem 230 milhões de falantes.

De que língua estamos a falar?



Os conflitos parecem surgir em contextos onde não está claro as línguas serem compartilhadas. Quer dizer, perante a pergunta: e quem fala a língua que eu falo? As respostas não são homogêneas.

## CAMPA AUDIOVISUAL

# Despertar galego em Gijom

Xurxo Chirro

Há uma máxima que diz que é muito complicado isso de ser reconhecido na terra de um próprio, que a estratégia mais inteligente nesse caso é preparar o terreno dando a conhecer a tua obra na diversidade exterior para que seja julgada sem que emergam as típicas “perturbações” vizinhas. Se tiveres a sorte de que reparam no teu trabalho, de que te seleccionem em festivais e de que a tua obra se exhiba em ecrãs forâneos, será já um êxito em si próprio que suavizará nalgum grau a recepção por parte do público natural que não é outro senão o espectador que pertence ao contexto donde partiu essa obra.

No mundo do cinema isto agrava-se, já que o mundo da distribuição e exibição comercial está sumamente colapsado por práticas abusivas, quer dizer, altamente capitalistas. Perante este panorama só ficam as fendas da distribuição alternativa que tristemente quase se vê reduzida aos festivais. E é neste circuito que às

vezes se constata os estados de ânimo e a situação das distintas cinematografias.

Em finais de Novembro vamos ter a 48.ª edição do Festival Internacional de Cinema de Gijom, que, para quem escreve, é o encontro anual mais importante deste tipo de eventos em Espanha. Nos últimos anos, da mão do seu director, José Luís Cienfuegos, e da sua equipa de colaboradores, têm-se escapado europeus mais interessantes do cinema independente. Não lhe falta classificações, nem altos orçamentos, nem a condescendência da indústria nem dos meios de comunicação, todo o mundo sabe que as suas escolhas, as suas secções paralelas e homenagens são altamente rigorosas para satisfazer o cinéfilo mais exigente.

Mas este ano o Festival de Gijom apresenta uma estranha confluência, um interessante e significativo alinhamento de planetas. Nas distintas secções conta com destacada representação galega. Sabíamos já desde há tempo que depois de que “Todos vós sodes



capitães”, de Oliver Laxe, passasse pelo prestigioso Cannes e conseguisse o reconhecimento da crítica, a sua estreia em Espanha passaria, quase de maneira irremediável, pelo Festival de Gijom, já que é o encontro que mais se ajusta a esta proposta arriscada. Mas se

esta ocorre na secção oficial de longas-metragens, na de curtas-metragens contamos com a presença da última obra-mestra em aparecer no cinema galego: “Gato encerrado”, de Peque Varela. Ambas as duas são duas sérias candidatas a ganhar o prémio da

próxima edição. Além disso, na secção complementar de Llendres contamos com a presença doutra curta-metragem galega, “Fantasmas #1”, de Ángel Santos.

O que significa esta confluência? Pois que algo importante sucede no cinema-audiovisual galego. Que nos encontramos no melhor momento da sua história, com uma série de criadores e obras que estão dentro do mais alto nível da criação mundial. Que algo foi bem feito durante estes anos para que agora se desfrute deste aglomerar. Que depois de Cannes e Gijom já vai sendo hora de que público e meios da Galiza reparam no que está a acontecer na expressão audiovisual do país. Que é necessário perseverar e proteger este caudal de talento para que não seja “flor dum dia” e para produzir um eco fértil. Que com estes sucessos se comprova de maneira empírica que este tipo de produções são os únicos modos de pôr o audiovisual galego no mapa.

Já sabeis, já estais avisados, este ano as “fabes” no FICXIXÓN serão galegas!